



Anos Lula trazem avanços tímidos nos indicadores sociais

Síntese: *O desempenho dos alunos brasileiros nos testes de matemática, leitura e ciência feitos pela OCDE coloca o Brasil nas piores posições do ranking mundial. As notas não só são baixas, como também indicam pouca capacidade de compreensão dos conteúdos por parte de nossos estudantes. Até agora, as melhorias nos indicadores de desenvolvimento social ao longo da gestão petista foram acanhadas, como sugere o IDH relativo a 2005: a evolução desde o início da década foi a menor registrada em um quinquênio desde que a ONU passou a fazer o levantamento.*

No início da década, o Brasil conseguiu um feito importante: colocar todas as crianças na escola. A universalização do ensino fundamental foi uma das principais realizações do governo tucano. A partir dela, o desafio passou a ser manter os estudantes em sala de aula e elevar a qualidade do ensino prestado. A julgar pelos resultados recentes, o país tem falhado nesta tarefa. O ritmo de melhoria caiu sensivelmente.

O dado mais significativo foi conhecido no início de dezembro, quando a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) divulgou o relatório do Pisa (sigla em inglês para Programa Internacional de Avaliação de Alunos) relativo a 2006. O desempenho dos adolescentes brasileiros em ciência, matemática e leitura foi desanimador: nas três áreas o país figura entre as últimas posições no ranking mundial.

Os testes são feitos a cada três anos com alunos de 15 anos de idade. Em 2006 as notas médias de leitura dos estudantes brasileiros caíram acentuadamente, de 403 para 393 pontos (numa escala que vai de 0 a 800). No início do século, pelos mesmos parâmetros do Pisa, a média neste quesito era 396 – ou seja, estamos hoje pior do que estávamos há sete anos. Em compensação, houve melhoria em matemática, com avanço de 13 pontos desde 2003, para a média atual de 370. Em ciência, estagnação: 390 pontos médios nos dois últimos exames.

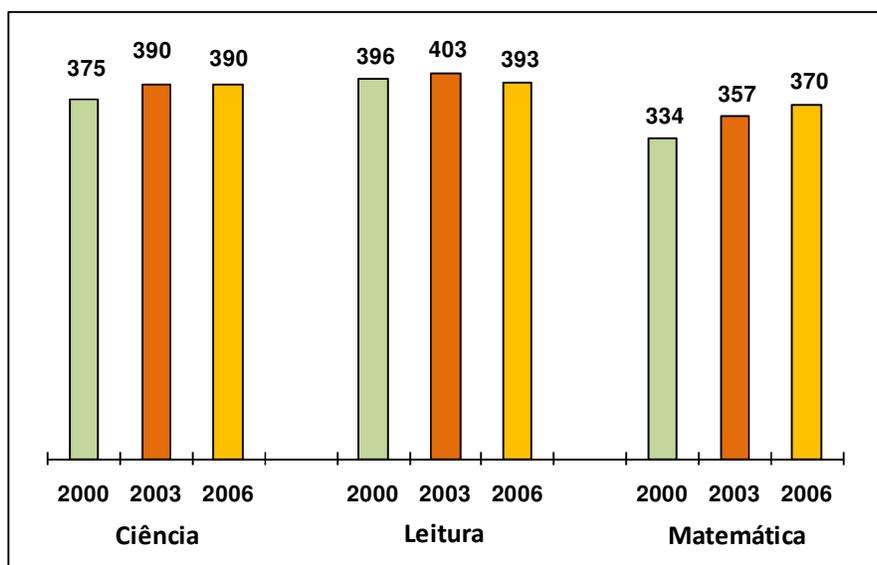
Tais resultados não deixam o Brasil bem. Mesmo em matemática, em que se saiu melhor, o país só supera três países numa lista de 57: Tunísia, Catar e Quirguistão. Ficamos em 54º lugar, mas já foi pior: em 2003, os estudantes brasileiros haviam figurado na lanterna do ranking. De lá para cá conseguiram, pelo menos, superar seus colegas tunisianos – os outros dois países acabam de estreiar no levantamento da OCDE.

Baixa capacidade

Entre as três habilidades avaliadas, o país saiu-se melhor em leitura. Ainda assim, o desempenho é sofrível. Entre 56 nações (os EUA não aparecem neste ranking), o Brasil figura na 49ª colocação. No ranking de ciência, os estudantes brasileiros aparecem no 52º lugar.

Na escala do Pisa há seis níveis de conhecimento. O mais elevado indica que o aluno é capaz de identificar, explicar e usar evidências científicas consistentes para solucionar problemas inéditos. Enquanto 4,5% dos finlandeses (primeiros no ranking) têm tal habilidade em ciência, não há brasileiro que tenha feito os testes que a exiba. Além de estar entre os piores nas três provas, a maioria dos alunos brasileiros atinge, no máximo, o menor nível de aprendizado nas disciplinas; seu grau de compreensão é baixíssimo: 27% não conseguem sequer entender os enunciados dos problemas.

Notas dos alunos brasileiros no Pisa



Fonte: OCDE

O levantamento da OCDE explicita a dificuldade que o país enfrenta para dar um salto adiante em direção a uma educação de melhor qualidade. Perdeu-se muito tempo nos anos recentes com seguidas mudanças de ministros, redefinição de prioridades, substituição de indicadores que, pelo que agora se vê, nada acrescentaram ao que realmente interessa: a melhoria do desempenho dos alunos.

Ainda hoje persistem distorções como a forte concentração dos investimentos federais em educação superior: o governo Lula aumentou tal fatia de 70% para 75% do bolo, em prejuízo dos ensinamentos fundamental e médio. Em consequência, o gasto brasileiro por aluno nas universidades é maior do que o de muitos países. Já as despesas com salários de professores cresceram num ritmo bem menor que o do funcionalismo em geral. O ganho salarial real na função Educação entre janeiro e novembro foi de 5,3% em comparação com igual período de 2006; para a administração em geral, o avanço foi de 21,2%.

Onze milésimos no IDH

Não foram apenas os números do Pisa que indicaram perda de fôlego na melhoria social do país nos anos recentes. Os resultados do IDH, divulgados no fim de novembro pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), também mostraram que os avanços no desenvolvimento humano brasileiro foram muito tímidos entre 2000 e 2005 – período que abarca quase todo o primeiro mandato do presidente Lula.

O IDH médio atingiu 0,800, colocando o Brasil entre as 70 nações consideradas

de "alto desenvolvimento humano". Não foi a primeira vez que isso aconteceu: em 1998 o país também chegou a figurar neste grupo. Mas revisões posteriores na forma de calcular o PIB por habitante (uma das componentes do índice) jogaram o país para baixo na lista.

O ranking do Pnud é composto por 177 países; 40% deles têm condições de vida consideradas superiores. É nesse grupo – um tanto quanto largo, como se vê, e que ganhou sete novos nomes neste último levantamento – que o Brasil passou a ocupar a 70ª e última colocação. O que ajudou o país a escalar o ranking foi a melhora na expectativa de vida da população, que passou de 70,8 anos em 2004 para 71,7 anos em 2005, acompanhando uma tendência que é mundial. A renda também cresceu, mas é bom dimensionar quanto: exatos 0,92% de aumento entre um ano e outro.

Entre 2000 e 2005 o IDH brasileiro teve o mais fraco desempenho em um quinquênio desde que começou a ser medido pela ONU. A média saiu de 0,789 para 0,800 – ou seja, o país ganhou 11 milésimos em cinco anos. Foram exatos 1,39% de evolução no período. Nos cinco anos anteriores, entre 1995 e 2000, o avanço havia sido bem mais robusto: 4,8%, impulsionados, principalmente, pelas conquistas advindas do Plano Real. Desde 1975, o IDH brasileiro evoluiu 23%.

Vista desta forma e também sob a luz do Pisa, a conquista recente do IDH perde força. Também sugere que a estabilidade da moeda trouxe mais benefícios para o desenvolvimento humano brasileiro do que as políticas de assistência ancoradas no Bolsa Família. Resta claro que, se quiser avançar de maneira mais contundente, o país precisa investir em educação, começando por ampliar a presença de crianças e jovens nas escolas – algo que estados como Minas Gerais já vêm fazendo ao estender o ciclo básico para nove anos. Além destes, há desafios consideráveis em áreas como, por exemplo, saneamento básico, cujos péssimos indicadores de atendimento continuam intocados pelo governo Lula até agora.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.
Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).
Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br